

Uma diocese de fronteira em busca de um santo patrono: a promoção do culto a Pedro González em Tui no século XIII¹

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva²

Recebido: 31 de março de 2016 / Aceite: 29 de outubro de 2016

Resumo. A diocese de Tui, organizada no século VI, ficou desarticulada com o impacto da chegada dos muçulmanos no século VIII. Em meados do século IX foi restaurada, mas os bispos tudenses continuaram a residir em outras sedes. No início do século XI, Tui foi alvo de incursões normandas. A cidade foi destruída e seu prelado levado como prisioneiro. Assim, a diocese foi agregada a Iria-Santiago, situação que se prolongou até cerca de 1071. Somente em fins do século XI o bispado tudense foi definitivamente restaurado e instituído o senhorio episcopal. No século seguinte, com a formação do reino português, transformou-se em uma diocese de fronteira. Tal localização contribuiu para o enriquecimento deste episcopado, que recebeu doações e privilégios das nobrezas portuguesa e castelhano-leonesa. Entretanto, não havia, até o início do século XIII, um santo vinculado diretamente à história da igreja tudense. Em meados da década de 1240, o dominicano Pedro González faleceu e foi sepultado na catedral de Tui. Segundo a minha hipótese, ele se tornou o candidato ideal para ser o patrono do episcopado. O objetivo deste artigo é discutir essa hipótese.

Palavras-chave: Idade Média; diocese de Tui; fronteira; bispo Gil Peres de Cerveira; Pedro González; culto aos santos.

[es] Una diócesis de frontera en busca de un santo patrono: la promoción del culto a Pedro González en Tui en el siglo XIII

Resumen. La Diócesis de Tui, organizada en el siglo VI, fue desarticulada por el impacto de la llegada de los musulmanes en el siglo VIII. A mediados del siglo IX fue restaurada, pero los obispos tudenses siguieron residiendo en otras sedes. A principios del siglo XI, Tui fue objetivo de incursiones normandas. La ciudad fue destruida y su prelado hecho prisionero. Así, la diócesis se asimiló a la de Lugo y posteriormente a Iria-Santiago, una situación que se prolongó hasta alrededor de 1071. Sólo a finales del siglo XI el obispado tudense fue definitivamente restaurado y se estableció el señorío episcopal. En el siglo siguiente, con la formación del reino portugués, se transformó en una diócesis de frontera. Esta ubicación contribuyó al enriquecimiento del episcopado, que recibió donaciones y privilegios de la nobleza portuguesa y castellano-leonesa. Sin embargo, no había, hasta principios del siglo XIII, un santo directamente vinculado a la historia de la iglesia tudense. A mediados de la década de 1240, el dominicano Pedro González murió y fue enterrado en la catedral de Tui. Según mi hipótesis, él se habría convertido en el candidato ideal para ser el patrono del episcopado. El propósito de este artículo es discutir esta hipótesis.

Palabras clave: Edad Media; diócesis de Tui; frontera; obispo Gil Peres de Cerveira; Pedro González; culto a los santos.

[en] A Frontier Diocese in Search of a Patron Saint: the Promotion of the Cult to Pedro González in Tui in the 13th century

Abstract. The Diocese of Tui, organized in the sixth century, was dismantled by the impact of the arrival of the Muslims in the eighth century. In the middle of the ninth century it has been restored, but the tudenses bishops continued to reside in other sees. In the early eleventh century, Tui was the target of Norman incursions. The city was destroyed and his prelate taken prisoner. Thus, the diocese was aggregated to Lugo and later Iria-Santiago, a situation which

¹ Este artigo apresenta conclusões de pesquisas desenvolvidas com o financiamento do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa) e da Faperj (Bolsa Cientista do Nosso Estado). Agradeço ao Professor Suso Vila -Botanes e ao Senhor Antônio Cordo, secretário da Cofradia de S. Telmo, que me ajudaram com o envio de materiais, partilhando informações e viabilizando a minha viagem de pesquisa a Tui, realizada em novembro de 2014, com o financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História.
E-mail: andreaifrazao_ufrj@pesquisador.cnpq.br

lasted until about 1071. Only in the late eleventh century the tudense bishopric was definitely restored and the episcopal lordship was also established. In the following century, with the formation of the Portuguese kingdom, it became a border diocese. This location had contributed to the enrichment of the episcopate, which received donations and privileges of portuguese, castilian and leonese nobility. However, there wasn't, until the early thirteenth century, a saint directly linked to the history of the tudense church. At the middle of 1240s, the dominican Pedro González died and was buried in the Cathedral of Tui, which, according to my hypothesis, has become the ideal candidate to be the patron of the episcopate. The purpose of this article is to discuss this hypothesis.

Keywords: Middle Ages; Diocese of Tui; Border; Bishop Gil Peres de Cerveira; Pedro González; Cult of Saints.

Sumário. 1. Introdução. 2. A diocese de Tui: alguns apontamentos sobre a sua trajetória histórica. 3. Pedro González e os documentos relacionados ao seu culto 4. A Catedral de Tui como promotora do culto a Pedro González. 5. Conclusões. 6. Referências bibliográficas.

Como citar: Silva, A. C. Lopes Frazão da (2017): "Uma diocese de fronteira em busca de um santo patrono: a promoção do culto a Pedro González em Tui no século XIII", *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* 20 (Núm. especial), pp. 211-222.

1. Introdução

Em seu estudo *Hagiologia y Sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)*, Pérez-Embid Wamba demonstra que, sobretudo durante os séculos XI e XII, mosteiros e episcopados associaram a sua trajetória a santos patronos respaldados em eventos históricos, recriados ou inventados. Esse fenômeno foi denominado pelo autor como *hagiologia individualizante* (2002: 369) e resultou na redação de textos hagiográficos e na promoção do culto a figuras específicas. Para o historiador, essa foi uma estratégia utilizada pelos diversos centros eclesiásticos nas disputas pelo domínio do espaço (*Ibid.* 365).

Unindo a perspectiva de Pérez-Embid Wamba à reflexão de diversos especialistas no estudo da santidade e hagiografia medievais, como André Vauchez, Sofia Boesch Gajano, e Michael Goodich, para só citar alguns nomes,

parto da premissa que a promoção da veneração aos santos pelas instituições eclesiais –mosteiros, institutos religiosos, cabidos, sés episcopais, arcebispados, etc.–, durante o medievo, foi impulsionada por diversos fatores, além dos estritamente devocionais. Ademais da disputa pelo domínio do espaço, estudada por Pérez-Embid Wamba, sublinho a relação entre os santos patronos e a atração por peregrinos e ofertas; a difusão de valores e modelos de comportamento, e, o que nos interessa especialmente neste artigo, a legitimação e o reforço da autoridade dos clérigos locais.

Essa estratégia, ainda que possa ser identificada como uma tendência geral durante a chamada Idade Média Central, revestiu-se de aspectos particulares relacionados à conjuntura vivida por cada organização específica e seu entorno. São aspectos que singularizam a promoção do culto a Pedro González pela Catedral e Cabido de Tui que vou discutir neste trabalho. O papel dos bispos tudenses, desde Lucas de Tui, na propagação do culto ao referido Santo já foi apontada por alguns autores (García Oro 2002: 570). Contudo, não encontrei nenhum trabalho que articulasse esta promoção à produção de três monumentos textuais, tema que irei abordar neste artigo.

2. A diocese de Tui: alguns apontamentos sobre a sua trajetória histórica

Ainda que a tradição aponte que o cristianismo foi introduzido em Tui no século I e que Epitácio, um dos discípulos de São Tiago, foi seu primeiro bispo, as evidências documentais da presença de uma diocese organizada datam somente do século VI³, quando a região encontrava-se sob domínio suevo⁴. Quando esse território foi incorporado ao Reino visigodo, em 585, em um primeiro momento coexistiram dois bispos, um ariano e outro niceno (Díaz y Díaz e Vilariño Pintos 2002: 540 e 542). Após a conversão de Recaredo, prevaleceu na região o cristianismo niceno.

³ Os documentos que atestam a presença de uma diocese tudense no período são as atas do I e II Concílio de Braga, de 561 e 572, respectivamente, e o Paroquial suevo (David 1947: 42-43, Iglesias Almeida 2009: 23).

⁴ Sobre esse período inicial há poucos registros. Por meio das atas dos concílios bracarense I e II é possível concluir que os prelados tudenses estiveram presentes nas duas assembleias. Contudo, só o nome de um deles, Neufila, que assina, como sufragâneo de Lugo, as atas da segunda reunião é conhecido. Na primeira assembleia os bispos firmantes não identificam suas dioceses. Assim, é possível afirmar que o bispo de Tui estava presente, mas não identificar, com certeza, seu nome (Ramos 1972: 2599).

Pelas atas conciliares, é possível reconstruir o episcopologio tudense do século VIII⁵. Adelfio é o último bispo visigodo cujo nome é conhecido⁶. Ele provavelmente governava a diocese por ocasião da chegada dos muçulmanos, ocorrida em 716 ou um pouco depois, como apontam alguns estudiosos (Cendón Fernández 2005: 727-728). A partir desse momento, segundo Díaz y Díaz e Vilariño Pintos, os bispos tudenses passaram a residir na diocese de Iria, em terras cedidas em Faro, Bergantiños, Nendos e Soneira (2002: 544), ainda que, como aponta a *Crônica de Afonso III* (García Villada 1918: 68), Tui tenha sido conquistada por Afonso I na primeira metade do século VIII.

Como não conhecemos o nome de tais preladados, segundo Ramos, ocorreu “un hiato histórico en la sucesión episcopal” (1973: 2599). Esse hiato só terminou com a eleição de Diego, em fins do século IX (Flórez 1798: 38)⁷.

Um documento datado de 915 indica que a primeira restauração da diocese foi feita pelo rei Ordonho II e D. Elvira. Segundo esse diploma, nesta ocasião os bispos de Tui e Lamego foram reintegrados às suas dioceses, ao mesmo tempo em que devolveram as concessões territoriais que lhes tinham sido entregues provisoriamente para sua manutenção. A fidedignidade deste texto, que trata de diversos temas, tem sido discutida, mas vários autores sustentam que, sobre a questão em tela, não há dúvidas sobre a autenticidade⁸.

Tui, entretanto, continuou alvo de ataques muçulmanos e víquingues entre os séculos IX a XI⁹. Desta forma, os bispos voltaram a residir fora da sede, talvez por temporadas, em mosteiros, como São Cristóvão de Labrugia e São Estevão de Ribas de Sil (Díaz y Díaz e

Vilariño Pintos 2002: 544-545). Segundo Sánchez Pardo, em uma das incursões do início do século XI, os normandos destruíram a cidade e o bispo foi levado como prisioneiro (2010: 72). A diocese tudense foi, então, anexada a Iria-Santiago pelo rei Afonso V¹⁰. Segundo Isla Frez, esta foi uma medida política, motivada pelo pequeno desenvolvimento urbano da cidade de Tui, que a tornava vulnerável aos ataques normandos. Desta forma, buscou-se concentrar no bispo de Iria as ações de defesa do território galego (1992: 102-103).

Essa situação prolongou-se até fins da década de 1060 (Flórez 1798: 245-250), quando, segundo Ramos, D. Urraca e D. Garcia concederam novamente autonomia ao bispado de Tui, em 1069¹¹, instituindo a D. Jorge como prelado (1973: 2599). Este bispo restabeleceu a sé episcopal no Mosteiro de S. Bartolomeu. Alguns anos depois, em 1095, o conde Raimundo de Borgonha e sua esposa Urraca outorgaram privilégios ao episcopado: isenção fiscal e direito ao recebimento do pagamento de penas e multas concedidas no território diocesano (García Oro 2002: 551). Foi, portanto, somente em finais do século XI que a diocese tudense foi definitivamente restaurada, momento em que também foi estabelecido o senhorio episcopal.

Durante o século XII a Igreja de Tui organizou-se, diretamente afetada pela reconfiguração política da Galiza, que culminou com a organização de Portugal. Assim, o território da diocese tudense foi alvo de disputas entre os reinos lusitano e castelhano-leonês (Cendón Fernández 2005: 729), bem como de ataques da nobreza da região (García Oro 2002: 552). Somente em 1169 houve uma definição política das fronteiras, que identificou o rio Minho como marco divisório dos reinos de Portugal e Castela-Leão.

⁵ Ramos publica o episcopologio tudense até a década de 1970 (1972: 2601).

⁶ Vale destacar que no episcopologio de Tui (disponível em www.diocesetuivigo.org/diocese/episcopologia.pdf, acessado em 12/05/2015) Adelfio é caracterizado como mártir.

⁷ A autenticidade dos documentos que mencionam o bispo Diego de Tui –*Liber chronicorum* de Pelayo de Oviedo e nas atas do Concílio de Oviedo– suscitam dúvidas e discussões entre os autores (Díaz y Díaz e Vilariño Pintos 2002: 544). Sobre esse debate, ver, dentre outros, Fernández Conde 2003 e Alonso Álvarez 2010.

⁸ Este documento, bem como uma síntese da discussão sobre a autenticidade deste diploma, encontram-se publicados por Lucas Álvarez 1997: 108.

⁹ Vila-Botanes destaca que durante as primeiras décadas do século XI Tui sofreu diversos ataques (2009a: 20).

¹⁰ Ao menos é o que é possível concluir pelo diploma datado de 1024, publicado, dentre outros, por Flórez (1765: 390 - 392) e Lucas Álvarez (1997: 182-184).

¹¹ Os autores possuem divergências em relação a essa data, apontando, além de 1069, os anos de 1070 e 1071 (García Oro 2002: 550).

Contudo, este fato não redundou em uma separação social e religiosa entre os reinos. A nobreza regional manteve laços transfronteiriços (Calderón Medina e Ferreira 2014: 7), motivada por questões diversas, e a diocese de Tui possuía paróquias estabelecidas em ambos os territórios. De seus 19 arceprebendados, 12 se localizavam na margem direita do Minho, portanto, no Reino de Castela-Leão, e 7 na esquerda, área do reino português (Vázquez Corbal 2014: 157). Além disso, continuou vinculada à Metrópole de Braga. Esta configuração fronteiriça tornou o bispado tudense alvo de doações e privilégios das realezas e nobrezas de ambos os reinos. Desta forma, o patrimônio da Igreja de Tui ampliou-se (García Oro 2002: 551-552, Vila-Botanes 2009a: 21-25, 46).

Em relação ao crescimento mais geral da Península Ibérica, como conclui o estudo de Portela Silva (1976), houve uma expansão demográfica e um incremento das atividades comerciais e agrícolas na região de Tui. Diversos indícios apontam para tal impulso, tais como a fragmentação de terras já cultivadas, a introdução de plantios em áreas novas e o aumento da produção (1976: 49-66). Com este desenvolvimento econômico e demográfico da região, a cidade de Tui cresceu, o que gerou, inclusive, a necessidade de reforçar a sua segurança. Uma iniciativa neste sentido foi a construção das muralhas (Iglesias Almeida 1996: 176-177).

O bispo tudense, como senhor local, era um agente da autoridade real. Neste sentido, como destaca García Oro, o bispado detinha o direito de administrar a justiça e receber impostos diversos, como cobrar taxas pelo trânsito e segurança dos mercadores que circulavam no porto e na cidade (2002: 552). Esses ingressos, relacionados ao crescimento da cidade, somados às ofertas e privilégios recebidos, favoreceram o enriquecimento do episcopado tudense. Considero indícios deste crescimento,

que foi progressivo no decorrer do século XII e manteve-se vigoroso até meados do seguinte, o início da construção da catedral dedicada a Santa Maria por volta de 1120¹² e consagrada¹³ em 1225, com as obras bem avançadas; a organização, em 1139, do cabido (Flórez 1765: 260-261, 273-279); a provável instalação junto à sede bispal de uma oficina para a confecção de esculturas para as igrejas da região (Cendón Fernández 2006: 130) e de um *scriptorium*, para a produção e cópia de documentos¹⁴, e o patronato episcopal sobre 155 igrejas no século XIII¹⁵.

A despeito desta organização e riqueza da Igreja tudense, com o incremento urbano ocorreram episódios de conflito entre o senhorio episcopal e o *Concello*, que reivindicava maiores direitos. Neste sentido, há registros de confrontos em 1211 e 1248-1249 (Vila-Botanes 2009a: 47). Para García Oro (2002: 554), estes embates tinham como fundamento o Foral concedido pelo rei Fernando II em 1170, que previa maior autonomia ao *Concello*, mas que logo depois anulado¹⁶. Em 1211, os habitantes de Tui recusaram-se a pagar as taxas senhoriais ao bispo. O rei Afonso VIII de Leão, que interveio na questão, reafirmou as prerrogativas do senhorio episcopal. O episódio datado entre 1248-1249 também foi arbitrado pelo rei. Como é possível concluir pelo documento emitido por Fernando III, com uma solução para o pleito, esta disputa foi mais violenta. Segundo este texto, dentre outras ordens, é indicado que os homens do *Concello* deveriam pagar mil maravedis ao bispo e ao Cabido, porque “entraron el Iglesia com armas, & encerraron los hombres tras el altar, & vertieron las lamparas, & por otras cosas malas & desaguisadas que ficieron al Obispo, & a la Egleisia, que non debian facer” (*apud* Vila-Botanes 2009a: 552).

Até este momento não havia um santo patrono vinculado à trajetória específica do bispado.

¹² Sobre a cronologia da construção da Catedral tudense há controvérsias. Mas, segundo Vila-Botanes, há um consenso entre os especialistas de que as obras começaram em 1120 (2009a: 225).

¹³ Sobre a Catedral de Tui há diversos estudos. Dentre estes destaco os de Cendón Fernández, Manso Porto e Vila-Botanes, citados na bibliografia final.

¹⁴ O estudo de Suárez González (2009) sobre a Vida de Tomas Becket, presente em um códice da Catedral de Tui, apresenta elementos que permitem concluir que ao final do século XII ou no início do XIII já havia uma produção de manuscritos local.

¹⁵ Esta informação encontra-se em um documento datado de 1258. Além das 155 igrejas de patronato episcopal, o episcopado tudense ainda possuía outras 41 (Iglesias Almeida 2009: 166-172).

¹⁶ Vila-Botanes publicou os documentos que registram a concessão foral e a sua posterior anulação (2009: 544-550).

Como já assinalado, a Catedral foi dedicada a Santa Maria, porém sem qualquer atributo específico vinculado à cidade ou diocese. Pierre David, em seu estudo sobre os santos patronos das igrejas, menciona Tui uma única vez, para informar que nesta diocese, assim como em Ourense e em outras igrejas entre o Minho e o Mondego, há presença de documentos com referências a Martinho de Tours (1947: 233), o que também não se configura como um culto particular tudense.

É provável que tenham ocorrido tentativas de promover ao menos dois candidatos. Um deles foi S. Pelayo, que segundo a tradição foi martirizado em Córdoba no início do século X. Segundo Pierre David, em seu trabalho sobre o santoral hispânico, as relíquias do mártir permaneceram um período em Tui antes de serem transferidas a Leão em 967 (*Ibid.* 220), o que me parece pouco provável, devido às circunstâncias então vividas pela diocese, já mencionadas. Para Juan Gil, por volta do século XI, foi realizada uma associação de Hermógio, que figura na obra como tio do mártir, a Tui, com o objetivo de sustentar que o local de nascimento do santo teria sido esta cidade (1972: 166) e, talvez fomentar seu culto local. O segundo candidato, como já sugeri em outro texto, pode ter sido Santa Tecla, devido a referência ao seu túmulo na obra *Solistitionis Insula Magna*, também datada do século XI (Silva 2013). Contudo, esses esforços não prosperaram, provavelmente porque no século XI os bispos residiram em Tui por um período curto. Como destacado, devido à instabilidade militar, em 1024 a diocese foi anexada a Iria-Compostela.

Após a restauração definitiva da diocese e o estabelecimento do senhorio episcopal, com o crescimento demográfico e econômico da região, a diocese enriqueceu e se organizou no decorrer dos séculos XII e XIII. Entretanto, ainda mantinha uma relação conflituosa com o *Concello*. Neste sentido, segundo a minha hipótese, Pedro González tornou-se, em meados do século XIII, o candidato ideal para o desenvolvimento de um culto particular vinculado à Sé tudense, pois, por um lado, o episcopado possuía as condições materiais para patrocinar o culto, e por outro, era necessário legitimar e reafirmar a autoridade do bispo e do cabido face ao *Concello* e população local¹⁷.

3. Pedro González e os documentos relacionados ao seu culto

Segundo a tradição hagiográfica e as reflexões dos especialistas¹⁸, Pedro González nasceu por volta de 1190 em Frómista, localidade da província castelhana de Palência. Ele estudou na escola da Sé palentina, da qual seu tio era bispo. Posteriormente, tornou-se membro do cabido da catedral, alcançando o cargo de Deão. Por volta de 1220, decidiu ingressar na Ordem dos Pregadores, reconhecida pelo papado alguns anos antes. Como frade, realizou novos estudos, a fim de preparar-se para atuar como pregador e confessor. Primeiramente, atuou como capelão junto às tropas castelhanas, em expedições lideradas pelo rei Fernando III em Andaluzia. Depois, dirigiu-se para a Galiza, onde viveu como pregador itinerante. Em 1246, faleceu em Tui e foi sepultado na catedral local¹⁹.

¹⁷ Devido aos limites impostos a esse trabalho, não é possível fazer uma comparação sistemática entre a trajetória da diocese de Tui e demais episcopados ibéricos e a promoção de cultos a patronos específicos. Contudo, é possível indicar outros bispados que desenvolveram cultos a santos patronos seguindo a motivações particulares. Cito aqui dois exemplos. Braga que, com a restauração do arcebispado no início do século XII e as polêmicas com Santiago e Toledo, promoveu o culto a S. Geraldo (Soalheiro 2011), e Iria-Compostela, que reivindicando a posse do corpo de um apóstolo, Tiago, com apoio real, estabeleceu-se como grande senhorio e centro de peregrinação, alcançando a dignidade de arcebispado (Silva 2008).

¹⁸ Tais como Flórez, Galmés, Vila-Botanes e Fernández Sánchez, para citar alguns autores que se dedicaram ao estudo da vida e culto de Pedro González.

¹⁹ Estudos desenvolvidos pela professora Silvia González Soutelo, da Universidade de Vigo, no sarcófago que, segundo Ambrosio de Morales, foi sepultado Pedro González e se encontra atualmente no Museu Diocesano de Tui, apontam que se trata de um mármore rosado da época romana, reutilizado no período medieval. Estas reflexões estão relacionadas ao projeto *Marmoraria Galicia*, coordenado em parceria com a professora Anna Gutiérrez García-M., vinculado à investigação I+D+i do MICINN “La explotación y comercio de los recursos naturales en el norte de la Hispania romana: lapis, metalla, aqua”. Maiores informações disponíveis em <http://www.icac.cat/recerca/projectes-de-recerca/projecte/la-explotacion-y-comercio-de-los-recursos-naturales-en-el-norte-de-la-hispania-romana-lapis-metalla/> (acesso em 09/09/2016).

O primeiro documento a fazer referência à veneração a Pedro González data de 1269. Trata-se do testamento de Rodrigo Eans, cônego de Santa Cruz de Coimbra (Vila-Botanes 2009b: 84)²⁰. Mas quem começou a promover e divulgar esse culto?

Há três documentos medievais relacionados diretamente ao incremento do culto a S. Pedro. Todos se encontram copiados no manuscrito 1 do Arquivo Capitular Diocesano de Tui, também conhecido como *Passionário de Tui*. Esse manuscrito contém 292 fólios em pergaminho, com 457 x 293 mm, que podem ser divididos em dois grupos: o primeiro, que formaria o núcleo inicial do códice, é datado entre os séculos XII e XIII, e o segundo, que reúne material diversos, compostos em diferentes datas. Os documentos relacionados a Pedro González encontram-se nesta segunda parte (Suárez González 2009: 11). Todos foram publicados por Flórez (1767), em latim, e por Vila-Botanes (2009b), traduzidos para o castelhano.

Quanto à datação da cópia destes documentos, Vila-Botanes, seguindo Manso Porto, afirma que é de final do século XIII (2009b: 13, 49, 77). Já Flórez diz que o manuscrito apresenta letra do século XIV, mas a forma é como a usada no século anterior (1767: 169). No site do Arquivo Capitular Diocesano de Tui, o *Passionário* é datado como dos séculos XII-XIII. Desta forma, seguindo os especialistas, dato a cópia de fins do século XIII ou primeiros anos do XIV.

Só conhecemos a data aproximada de um desses materiais, o inquérito sobre os milagres atribuídos a S. Pedro González, que foi enviado ao Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores reunido em Toulouse em 1258. Esse texto foi transmitido de forma incompleta pelo *Passionário de Tui*, contendo 78 registros, e pelo Livro Becerro, do XVI, com 126 (Vila-Botanes 2009b:

49). Sobre esse documento também há notícia na *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*²¹.

Esse inquérito foi realizado a mando do bispo tudense Gil Peres de Cerveira, que governou a diocese entre 1250 a 1274. Segundo Reis (2006), esse prelado nasceu no seio de uma família nobre estabelecida no litoral minhoto. Provavelmente foi direcionado para a carreira eclesiástica ainda criança. Em 1243 já era arcebispo em Tui. Alguns anos depois, em 1250, figura nos diplomas como bispo tudense (2006: 300). Reis, a partir da documentação preservada, constrói a trajetória deste episcopo. Por meio de seu relato, é possível concluir que Gil frequentou a corte dos reis de Portugal e de Castela-Leão e atuou como delegado do arcebispo de Braga (*Ibid.* 301-302). É importante lembrar que Gil chegou à cátedra bispal poucos anos após a morte e sepultamento de Pedro González em Tui e no ano seguinte ao conflito entre o senhorio episcopal e o *Concello*.

Como indica o documento, foram escolhidos, para dirigirem o inquérito, varões discretos, religiosos e dignos de fé, cujos nomes não foram registrados. Provavelmente, havia frades dominicanos neste grupo²². Eles realizaram a pesquisa e prepararam um texto, no qual são apresentados breves testemunhos de milagres, que resultaram das declarações formais dos depoentes. Como exemplo, transcrevo o primeiro testemunho:

Miguel Nunes de Nigrán da diocese de Tui, após ter jurado, ao ser interrogado disse que havia sido leproso durante um ano. Esteve vivendo em uma casinha durante sete semanas, separado dos homens e mendigando publicamente. Por fim, fez voto ao irmão Pedro González e foi com oferendas ao seu sepulcro e voltou totalmente curado dali. E Pedro Eans, o Sacário, e Guncina Martins, mulher do que havia sido leproso, interrogados, após terem jurado, disseram o mesmo. (Vila-Botanes 2009b: 52)²³

²⁰ Vale destacar que as relações entre o cabido de Tui e a comunidade de Santa Cruz de Coimbra eram estreitas desde o século XII (Cendón Fernández 2006: 124).

²¹ Esta obra, escrita pelo dominicano Gerardo de Frachet (1987: 785-786) por volta de 1256, aborda a história inicial da Ordem e a vida e feitos milagrosos dos frades que se distinguiram por suas virtudes.

²² Essa hipótese deriva da forma como Pedro González é referenciado em quase todos os testemunhos de milagres: como *Fratri Petro Gunsalvi*. Vários dominicanos circularam pela Galiza no século XIII (Rosário 1990) e um ou mais frades poderiam ter participado do grupo que realizou o inquérito.

²³ Tradução da autora a partir dos textos publicados por Florez e Vila-Botanes. As citações dos documentos em latim provêm da edição de Florez (1767): “Michael Nuni de Nigris Tudensis Dioecesis juratus & interrogatus dixit, quod cum leprosus fuisset per unum anum & ad hominibus separatus per septem hebdomadas in quadam domuncula commorans secus viam publicam publice mendicaret: tandem facto voto Fratri Petro Gunsalvi ivit cum oblationibus ad sepulchrum ejus, & inde rediens omnino curatus est. Et Petrus Joannis dictus Saxarius, & Guncina Martini uxor illius qui leprosus fuerat, jurati & interrogati idem per omnia asseruerunt”.

Vale destacar que todos os milagres relatados são *post-mortem* e não há, no texto preservado, referências a episódios da vida ou ao caráter de Pedro González.

O segundo documento é a *Legenda Beati Petri Gundisalvi* (LBPG), escrita em latim e em prosa. Ela foi transmitida de forma incompleta pelo Passionário de Tui, mas integral na cópia do século XVI (Novo Sánchez 2006: 202). Como o texto inicia-se com a expressão “Em nossos recentes tempos” e inclui alguns marcos temporais, é possível propor que esta hagiografia foi escrita alguns anos após a morte do santo, talvez na mesma época da realização do inquérito. Também não conhecemos o nome do autor ou autores desta obra.

A LBPG, como outros textos hagiográficos, caracteriza Pedro González como homem santo e narra episódios milagrosos que têm como objetivo apresentá-lo como intercessor eficaz dos fiéis perante Deus. Mas alguns aspectos individualizam essa obra, como a associação da trajetória do Santo a Tui.

O relato indica que, um pouco antes de falecer, Pedro González havia passado a Semana Santa na cidade, pregando na Catedral. Contudo, ficou doente e resolveu dirigir-se para o convento de Santiago, o único existente na Galiza na ocasião. Entretanto, como estava fraco, retornou. A narração comenta esse fato, realçando que Pedro foi um presente dado a Tui por Deus. Na continuação, é indicado que o frade anunciou ao homem que o hospedou que ele se tornaria, após a sua morte, o intercessor da cidade. Avançando no tempo, o relato ainda sublinha que a Sé tudense guardava diversas relíquias do Santo (Flórez 1767: 258-260). Por fim, um último dado digno de realce é a informação de que o bispo Lucas²⁴,

que era o prelado por ocasião do pleito contra o *Concello*, morreu poucos anos após o santo e pediu para ser enterrado ao lado do frade. Porém, com o passar do tempo e sem ação humana, o sepulcro de Pedro González foi se distanciando da sepultura do referido episcopo (*Ibid.* 261).

O terceiro documento é a Missa dedicada a Pedro González, intitulada como Missa antiga, pois foi elaborada antes da reforma dos missais e breviários promovida por Pio V no século XVI (Vila-Botanes 2009b: 77). No texto não há dados que permitam datá-la. Contudo, é possível afirmar que foi composta na segunda metade do século XIII, levando-se em conta a datação do manuscrito, e propor que ela foi redigida na mesma conjuntura em que foram realizados o inquérito e a escrita a LBPG. O seu autor também não é conhecido. Suponho, por seu caráter litúrgico, que tenha sido preparada por um ou mais membros do cabido tudense.

A missa destaca o caráter intercessor do santo. Comparando Pedro ao personagem bíblico José²⁵, menciona as suas virtudes, como o rechaço do mundo, o apreço pela pobreza e a dedicação à evangelização. São feitas referência aos milagres que figuram tanto no inquérito –os parálíticos e cegos que são curados em seu sepulcro–, quanto na LBPG, como o azeite que manava de seu túmulo e curava os doentes²⁶. Também é citado o seu atributo de guia dos marinheiros²⁷.

Ainda que produzidos com funções distintas, já que o inquérito possuía caráter jurídico; a legenda buscava sistematizar e divulgar a memória de santidade de Pedro González, e a missa, elaborada com fins litúrgicos, tais materiais se complementam e tiveram um papel destacado na promoção do culto a Pedro González. Mas quem foi o promotor desses textos?

²⁴ Sobre o bispo Lucas de Tuy pouco se sabe. Antes de ser bispo tudense, foi cônego e diácono no Real Mosteiro de S. Isidoro de Leão. Era protegido da Rainha Berenguela, mãe de Fernando III, a quem dedica sua principal obra, o *Chronicon Mundi*, e participante da corte real. Sobre Lucas de Tuy e sua trajetória, remetendo a ampla bibliografia, ver Henriet 2012.

²⁵ A LBPG também compara Pedro González a diversos personagens bíblicos, como Abel, Salomão, Judas Macabeu e Pedro, dentre outros.

²⁶ Na LBPG esse relato figura no capítulo *De miraculis, que ad ipsius sepulchrum sunt ostensa post mortem ejus* (Flórez 1767: 262).

²⁷ Pedro González foi considerado santo protetor dos marinheiros, provavelmente logo no início da difusão de seu culto. Além da menção presente na missa, segundo a LBPG, um dos agraciados por um dos milagres *post mortem* era um marinheiro, cujo nome é registrado na obra: João Enchanes de Castro. Certamente a localização geográfica da cidade de Tui deve ter contribuído para tal devoção. Por isto, o santo também ficou conhecido como S. Telmo, pois foi associado a Santo Erasmo, também denominado como Ermo ou Elmo, que, segundo a tradição, foi bispo de Formia e da Campania e martirizado na Grande Perseguição promovida por Diocleciano. Ele é considerado protetor dos marinheiros, atributo que também foi vinculado ao santo hispano (Aínsua Serrano 2005: 59).

4. A Catedral de Tui como promotora do culto a Pedro González

Vila-Botanes afirma que o convento dominicano tudense, fundado por volta de 1273, foi um importante centro de difusão do culto a Pedro González, bem como o local de produção da LBP (2009b: 98). Discordo desta hipótese e, como já anunciado, defendo que Pedro González foi a figura heroica eleita pelo episcopado, em meados do século XIII, para ser seu patrono singular. Neste sentido, proponho que a catedral de Tui, no episcopado de Gil de Cerveira, provavelmente na década de 1250, foi a comandatária dos três textos apresentados. Juntos, eles compuseram o programa para organizar, legitimar e difundir o culto a Pedro González. A própria reunião dos três documentos em um único manuscrito pertencente à Sé tudense já é um indício desse esforço.

Não há evidências de que os irmãos pregadores tenham promovido o culto a Pedro González em Tui. O *Concello* de Tui cedeu aos irmãos pregadores um terreno para o estabelecimento de um convento dos frades pregadores no início da década de 1270. Em sua história da fundação do convento de Santo Domingo, redigida em 1765, o Frei Lorenzo de Potones afirma que a motivação do *Concello* foram os milagres atribuídos a Pedro (*apud* Manso Porto 2012: 167). Ainda que esta seja uma notícia tardia, é provável que a devoção dos leigos a Pedro tenha sido um dos motivos para a doação do *Concello*. Este convite gerou a oposição do bispo e do cabido (*Ibid.* 142-145), que, em minha interpretação, não se dirigia propriamente aos irmãos pregadores, mas sim ao *Concello*, devido ao quadro mais geral de tensão entre estas duas instâncias, já sublinhado.

A referida notícia também indica que no momento de instalação da comunidade dos pregadores em Tui, a Catedral estava estabelecida como o local de culto a Pedro González, pois acolhia o seu túmulo. Assim, é provável que os irmãos não tenham fomentado o culto ao frade para evitar mais conflitos com a Sé episcopal. Esta opção também pode explicar porque no convento dominicano construído

em Tui, a partir de finais do século XIII, o Santo não foi representado (Manso Porto 2012: 158-164).

Também não há evidências de que os dominicanos estabelecidos em outras regiões da Península Ibérica tenham promovido o culto a Pedro González. Neste sentido, o Legendário de autoria de Rodrigo de Cerrato, composto provavelmente em Segóvia, em diferentes edições, entre 1260 a 1276, portanto, após a redação do inquérito de milagres por mandato do bispo Gil de Cerveira, menciona 16 santos hispanos, mas ignora Pedro González (Pérez-Embid Wamba 2011: 103-106).

Como têm destacado diversos autores (Cannetti 1996, Boureau 2010, Gómez-Chacon 2014, Almeida 2014), os Frades Pregadores, no século XIII, não buscaram promover o culto individual de seus membros²⁸. Alguns frades temiam que o culto a figuras isoladas do grupo atraísse doações, gerando perigo para o cumprimento da observância da pobreza. Assim, buscou-se constituir uma identidade coletiva de santidade, que abarcasse todos os religiosos, o que pode explicar o interesse pelas compilações hagiográficas, como os legendários e as *Vitae Fratrum*, nas quais a ênfase recai não em personagens particulares, mas no grupo. A produção de uma hagiografia e a promoção do culto a um único irmão rompia com essas diretrizes. Desta forma, é provável que a inclusão da notícia sobre os milagres atribuídos a Pedro na *Vitae Fratrum* só tenha ocorrido porque o resultado do inquérito tudense foi remetido ao Capítulo Geral pelo episcopado, e não por iniciativa direta dos frades pregadores.

No inquérito, na legenda e na missa, há referências aos dominicanos, ainda que pontuais, e foram incluídas, sobretudo, para a identificação de Pedro. Especificamente na LBP, que apresenta o maior número de menções, o principal objetivo é realçar as virtudes do frade como amante da pobreza, humilde, pregador e confessor. Ou seja, as alusões a Ordem dos Pregadores foram inseridas para engrandecer a figura de Pedro González e não para propiciar fama ao instituto religioso como um todo,

²⁸ As duas canonizações de dominicanos do século XIII –de Domingo de Gusmão e Pedro de Verona– podem ser explicadas muito mais pela iniciativa papal do que da ordem dos pregadores e vincular-se aos esforços pontifícios de combate à heresia (Goodich 2004: 307).

o que reforça a hipótese de que o promotor da obra não foi a comunidade dominicana local²⁹.

Tui era, em meados do século XIII, uma diocese com recursos materiais para patrocinar o culto a Pedro González, promover um inquérito e a redação de uma legenda e de uma missa. É possível que alguns dominicanos estabelecidos na Galiza neste momento tenham contribuído com a tarefa de organização desses materiais, mas não patrocinaram a redação de tais textos. Como destaca Graña Cid, havia uma relação amigável entre bispos e mendicantes, pois os frades atuavam na *cura animarum*, possuíam preparação espiritual e teológica superior ao do clero secular local, tinham compreensão dos interesses da Igreja Romana (1993: 246). Assim, ainda que tenham ocorrido conflitos entre seculares e frades³⁰, é possível pensar que na maior parte do tempo houve cooperação³¹.

Segundo a LBPG, Pedro González era acolhido pela população da cidade, que ouvia seus sermões e até o hospedava em suas casas. Esse carisma exercido sobre a população local também pode se relacionar ao interesse do episcopado pela promoção do culto ao dominicano.

O inquérito e a LBPG, apesar de suas particularidades textuais, dão grande destaque a Catedral como centro do culto a Pedro, pois era o local onde o frade estava sepultado. Segundo essas obras, as pessoas se dirigiam para a catedral a fim de entrarem em contato com o túmulo e as relíquias do santo, e de alcançarem a cura para suas enfermidades.

Por fim, há que considerar os conflitos entre o cabido, a catedral e o *Concello*, especialmente entre os anos de 1248-1249, anteriormente referenciados. Este confronto ocorreu nos últimos anos do episcopado de Lucas de Tui, que, segundo García Oro, manteve uma política de acordos pacíficos face aos abusos dos leigos (2002: 554). Entretanto, esta política não foi eficaz e o conflito foi debelado e a intervenção real solicitada. A solução do pleito só foi emitida pelo monarca Fernando III em

1250, após a morte de Lucas e a eleição de Gil Peres de Cerveira como bispo.

Um dos episódios na LBPG, de difícil interpretação, ao qual já fizemos referência, relata que o sepulcro de Pedro se afastou, sem intervenção humana, do túmulo do bispo Lucas. Esta foi uma forma sutil e simbólica de desvincular o santo do prelado que governava na época da revolta do *Concello*? É possível que Pedro González tenha conhecido Lucas de Tui na corte de Fernando III, quando este encontrava-se em campanhas militares no sul. É mesmo que não tenham se conhecido anteriormente, o frade pregou na diocese tudense, morreu e foi sepultado na Catedral enquanto Lucas era o bispo. Este prelado era próximo de Suero Gómez, primeiro provincial da Ordem dos Pregadores na Península Ibérica, e em sua Crônica afirma que Domingos de Gusmão acrescentou à obra dos apóstolos. Ou seja, ele conhecia a proposta de vida dominicana e a acolheu positivamente.

Contudo, a LBPG, como já realcei, não tem como principal escopo realçar a forma de vida dos pregadores, mas sim demonstrar que Pedro González era um homem santo que intercedia perante Deus de forma particular por Tui. Assim, mesmo que Lucas tenha apoiado e recebido os irmãos pregadores em sua igreja, era necessário apaziguar as tensões e reafirmar a autoridade episcopal. Este relato, portanto, pode ter sido produzido com o objetivo de manter a identificação de Pedro ao episcopado tudense, então ocupado por Cerveira, mas desvinculá-lo do seu antecessor, Lucas.

Como assinalado, só é possível afirmar com certeza, tomando por fundamento os documentos, que Gil Peres de Cerveira promoveu a pesquisa sobre os milagres. Mas, na apresentação do inquérito, o narrador, que se identifica como o bispo, afirma:

Conhecido seja por todos que este escrito examinarem, que nós, Gil, pela graça de Deus bispo de Tui, depois de frequentemente chegar a

²⁹ Desenvolvi essa reflexão no artigo “A legenda *Beati Petri Gundisalvi*: reflexões sobre a relação entre a Ordem dos Pregadores, a Diocese de Tui e a escrita hagiográfica” (2017: 11-14).

³⁰ Como o conflito ocorrido por ocasião da fundação do convento de Tui, já mencionado, que pode ser explicado pela conjuntura específica e não invalida o interesse da catedral tudense por promover o culto a Pedro González (Manso Porto 2012: 142-146).

³¹ Essa cooperação também pode explicar o fato de Pedro González ter sido sepultado na Sé tudense. E se considerarmos as informações da LBPG, o frade pregava na catedral.

nossos ouvidos que é considerado de pública fama que pelo venerável varão frei Pedro González da Ordem dos Pregadores, que em nossa igreja está sepultado, o Senhor fez muitos milagres, *que a passagem do tempo não os deixe em esquecimento*, à maior glória de Deus e honra da Igreja, encomendamos a uns religiosos, varões discretos e fidedignos, para examinarem esses milagres. (grifo meu)³²

Se o objetivo do inquérito era registrar os milagres para que não fossem esquecidos no futuro, é provável que a lenda e a missa, que também organizam e registram a memória vinculada ao santo, também tenham sido produzidas nesta mesma conjuntura por iniciativa episcopal. Como demonstramos, há diversos pontos de contato entre os três textos, que confluem para consolidar a Catedral de Tui como o centro difusor do culto ao frade Pedro, por ser o local de seu sepultamento e onde estavam guardadas as suas relíquias.

5. Conclusões

Segundo Galmés, a Sé de Tui foi o núcleo inicial da devoção a Pedro González (1991: 148). Concorro com o autor. Contudo, defendo que a organização e divulgação do referido culto não resultou de um processo natural ou espontâneo, mas de um projeto da Catedral e Cabido de Tui constituído na década de 1250, ao qual se vinculam o inquérito dos milagres, a lenda e a missa, e buscou canalizar as eventuais demonstrações de devoção da população local.

Após a chegada dos muçulmanos, a diocese de Tui desagregou-se. Apesar da restauração do século X, novos ataques levaram à sua anexação a Iria-Compostela. Sua restauração definitiva só foi possível nas décadas finais do século XI, quando foi instituído o senhorio episcopal. Sua posição geográfica fronteira, se, por um lado, favoreceu o seu enriquecimento,

por outra a tornou alvo de disputas territoriais. Além disso, foi palco de embates entre o senhorio episcopal e o *Concello* de Tui.

Até meados do século XIII, diferentemente de outras dioceses ibéricas, não havia um santo patrono particular identificado com a história do bispado tudense. A morte e sepultamento na Catedral de Tui do frade dominicano Pedro González, que atuou na região como pregador e confessor, e certamente era reconhecido pelo episcopado e pela população local como um homem virtuoso, apresentou-se como uma oportunidade para a constituição de uma hagiologia individualizada local. Neste sentido, o culto ao santo foi promovido e a memória de sua trajetória e milagres foi registrada, provavelmente com a participação de frades pregadores, mas incrementadas pelo clero catedralício, por meio de um inquérito, da composição de uma lenda e de uma missa.

Os dominicanos não tinham interesse em incentivar o culto de frades isolados, mas de apresentarem-se como uma ordem composta por pessoas virtuosas. Por outro lado, nas décadas iniciais do século XIII, após séculos de ataques e disputas, a diocese de Tui estava organizada e enriquecida, mas persistiam os conflitos com o *Concello*, que culminaram, ao final da década de 1240, na invasão da Catedral por homens armados.

Esta conjuntura específica contribuiu para a vinculação da Sé tudense à figura heroica de Pedro González, que já era reconhecido como santo pelos habitantes locais. Nesta cidade e em outras localidades da diocese, ele desenvolveu a *cura animarum*, tornando-se conhecido pela população. Assim, seu culto poderia contribuir para apaziguar as tensões relacionadas às disputas com o *Concello*, bem como fortalecer a autoridade episcopal e do cabido.

6. Referências bibliográficas

- Aínsua Serrano, Jesús María (2005): “San Telmo: de la inmensidad castellana a santo patrón de los marinos”, *Peregrino: revista del Camino de Santiago* 99-100, pp. 58-59.
- Almeida, Néri de Barros (2014): “Hagiografia, Propaganda e Memória Histórica. O Monasticismo na Lenda Aurea de Jacopo de Varazze”, *Revista Territórios & Fronteiras* 7/2, pp. 94-111.

³² “Notum sit omnibus praesens scriptum inspecturis, quod nos E. Dei gratia Tudensis Episcopus, cum ad nostram frequenter pervenerit audientiam, & super hoc fama publica habeatur, quod per Venerabilem virum Fratrem Patrum Gundisalvi Ordinis fratrum Praedicatorum, qui in nostra est sepultus Ecclesia, multa miracula Dominus fecerit, ne forte processu temporis in oblivionem deveniant, ad magnificandam gloriam Dei, & honorem Ecclesiae, quibusdam Religiosis viris discretis, fidedignis, commisimos, ut ipsa miracula examinarent” (Florez, 1767: 263).

- Alonso Álvarez, Raquel (2010): “El obispo Pelayo de Oviedo (1101-1153): historiador y promotor de códices iluminados”, *Semata* 22, pp. 342-347.
- Boureau, Alain (2010): “No coração da Idade Média: Os dominicanos e a maestria narrativa”, *Revista de História Comparada* 4/1, pp. 141-168.
- Calderón Medina, Inés e João Paulo Martins Ferreira (2014): “Beyond the Border. The Aristocratic mobility between the kingdoms of Portugal and León (1157-1230)”, *e-journal of Portuguese History* 12/1, pp. 1-48.
- Canetti, Luigi A. (1996): “Da san Domenico alle Vitae Fratrum. Publicistica agiografica ed ecclesiologia nell’Ordo Praedicatorum alla metà del XIII secolo”, *Mélanges de l’Ecole française de Rome. Moyen-Age* 108, pp. 165-219.
- Cendón Fernández, Marta (2000²): *La catedral de Tuy en época medieval*. Pontevedra: Fundación Cultural Rutas del Románico-José Antonio Rodríguez Mouriño.
- (2005): *La Catedral de Tui entre Galicia y Portugal*. Coimbra: Almedina.
- (2006): “El arte medieval en Tui: la catedral como foco receptor y difusor del románico y del gótico”, em M. Cendón Fernández e S. González Soutelo (coords.), *Tui: Pasado, presente y futuro*. Pontevedra: Deputación de Pontevedra, pp. 121-155.
- David, Pierre (1947): *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe Siècle*. Lisboa / Paris: Livraria Portugália Editora / Societé d’Édition Les Belles Lettres.
- Díaz y Díaz, Manuel Cecilio e Daría Vilariño Pintos (2002): “La diócesis de Tuy hasta 1100”, em J. García Oro (coord.), *Historia de las diócesis españolas*. Vol. 14: *Iglesias de Santiago de Compostela y Tuy-Vigo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 537- 548.
- Fernández Conde, Francisco Javier (2003): “Espacio y tiempo en la construcción ideológica de Pelayo de Oviedo”, *Annexes des Cahiers de linguistique et de civilisation hispaniques médiévales* 15/1, pp. 129-148.
- Fernández Sánchez, Santiago (1959): “15 de abril. San Telmo”, em *Año Cristiano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, t. 2, pp. 93-105.
- Flórez, Enrique (1798): *España sagrada: theatro geographico-histórico de la Iglesia de España*. Madrid: Oficina de la Viuda e Hijo de Marín, t. 22.
- (1767² [1747]): *España Sagrada*. Madrid: Antonio Marín, t. 23.
- Frachet, Gerardus de (1967): “Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum”, em Fr. M. Gelabert e Fr. J. M^a Milagro (eds.), *Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporáneos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 516-819.
- Gajano, Sofia Boesch (2006): “Santidade”, em J. Le Goff e J. C. Schmitt (orgs.), *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, vol. 2, pp. 449-463.
- Galmés, Lorenzo (1991): *El bienaventurado Fray Pedro González O. P. San Telmo. Estudio histórico-hagiográfico de su vida y su culto*. Salamanca / Tui: Editorial San Esteban / Cofradía de San Telmo.
- García Oro, José (2002): “La Iglesia de Tuy en la Baja Edad Media (1070-1500). La Frontera y la Guerra”, em J. García Oro (coord.), *Historia de las diócesis españolas*. Vol. 14: *Iglesias de Santiago de Compostela y Tuy-Vigo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 549-570.
- García Villada, Zacarías (1918): *Crónica de Alfonso III*. Madrid: Centro de Estudios Históricos.
- Goodich, Michael E. (2004): “The Politics of Canonization: Lay and Mendicant Saints”, em *Lives and Miracles of the Saints: Studies in Medieval Latin Hagiography*. Aldershot: Ashgate, pp. 294-307.
- Gómez Chacón, Diana Lucía (2014): “San Pedro Mártir de Verona”, *Revista digital de iconografía medieval* 6/11, pp. 79-96.
- Graña Cid, María del Mar (1993): “Franciscanos y dominicos en la Galicia medieval: aspectos de una posición de privilegio”, *Archivo Ibero-Americano* 53/209-212, pp. 231-270.
- (1999): “Geografía de lo sagrado y creación de conventos: Las órdenes mendicantes en Galicia (siglos XIII-XIV)”, *Miscelánea Comillas: Revista de Ciencias Humanas y Sociales* 57/110, pp. 169-196.
- Henriet, Patrick (2012): “Lucas of Tuy”, em D. Thomas e A. Mallet (eds.), *Christian-Muslim Relations. A Bibliographical History*. Boston: Brill, vol. 4, pp. 271-279.
- Iglesias Almeida, Ernesto (1996): “La fortificación medieval tudense”, *Cuadernos de Estudios Gallegos* 43/108, pp. 175-193.
- (2008): *O Antigo Bispado de Tui en Portugal*. Noia: Toxosoutos.
- Isla Frez, Amancio (1992): *La sociedad gallega en la alta edad media*. Madrid: CSIC.
- Lucas Álvarez, Manuel (1997): *La documentación del Tumbo A de la Catedral de Santiago de Compostela: estudio y edición*. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro.

- Manso Porto, Carmen. (1993): *Arte gótico en Galicia: Los dominicos*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, vol. 1.
- (2013): “Consideraciones sobre la organización de la capilla mayor y otros espacios devocionales de la catedral de Tui”, *Abrente: Boletín de la Real Academia Gallega de Bellas Artes de Nuestra Señora del Rosario* 45, pp. 153-182.
- Novo Sánchez, Francisco Javier (2006): “La vida e los milagros de San Telmo en la suillería de coro de la Catedral de Tui”, em M. Cendón Fernández e S. González Soutelo (coords.), *Tui: Pasado, presente y futuro*. Pontevedra: Deputación de Pontevedra, pp. 201-223.
- Pérez-Embid Wamba, Francisco Javier (2002): *Hagiología y sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)*. Huelva: Universidad de Huelva.
- (2011): “Sobre el trasfondo social de la predicación mendicante en Castilla y León (siglo XIII)”, *Erebea: Revista de Humanidades y Ciencias Sociales* 1, pp. 103-136.
- Portela Silva, Ermelindo (1976): *La región del obispado de Tuy en los siglos XII a XV. Una sociedad en la expansión y en la crisis*. Santiago de Compostela: El Eco Franciscano.
- Ramos, M. (1972) “Tuy-Vigo, Diócesis de”, em Q. Aldea Vaquero, T. Marín Martínez e J. Vives Gatel (coords.), *Diccionario de Historia Eclesiástica de España*. Madrid: CSIC, vol. 4, pp. 2598-2602.
- Reis, António Pais de Matos do (2006): “O Bispo D. Gil Peres de Cerveira, D. Afonso III e os municípios do Alto Minho”, em Departamento de Ciências e Técnicas do Património e Departamento de História (coords.), *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Universidade do Porto, vol. 1, pp. 299-314.
- Rosário, António (1990): “Dominicanos na História da Sé de Braga”, em *Actas do Congresso Internacional XI Centenário da Dedicção da Sé de Braga*. Braga: Universidade Católica Portuguesa / Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, vol. 3, pp. 97-109.
- Sánchez Pardo, José Carlos (2010): “Los ataques vikingos y su influencia en la Galicia de los siglos IX-XI”, *Anuario Brigantino* 33, pp. 57-86.
- Silva, Andréia Cristina Lopes Frazão da (2008): *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- (2013): “Algumas considerações sobre a obra de *solistitionis insula magna*” em Associação Nacional de História (dir.), *Conhecimento histórico e diálogo social. Anais Eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História (Natal, 22-26 julho 2013)* (<http://www.snh2013.anpuh.org/site/anaiscomplementares>).
- (2015): “Education, Dominican Order and Hagiography: a comparative analysis of *Legenda Beati Petri Gundisalvi* and *Legenda Sancti Dominici*”, *Acta Scientiarum. Education* 37, pp. 335-347 (<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/25895>).
- (2017): “A legenda *Beati Petri Gundisalvi*: reflexões sobre a relação entre a Ordem dos Pregadores, a Diocese de Tui e a escrita hagiográfica”, *História (São Paulo)* 36/e8, pp. 1-19 (<http://dx.doi.org/10.1590/1980-436920170000000008>).
- Soalheiro, João (2011): “A canonização de São Geraldo: um projecto da Igreja de Braga ao tempo do arcebispo D. Paio Mendes (1118-1137/1138)”, em *Actas do IX Centenário de S. Geraldo (1108-2008). Colóquio de estudos e outros actos comemorativos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, pp. 53-112.
- Suárez González, Ana (2009): “Un *Libellus Sancti Thome Cantuariensis Archiepiscopi* (Archivo de la Catedral de Tuy, Códice 1, ff. XIXv-XXVIIr)”, *Hispania Sacra* 61/123, pp. 9-27.
- Vauchez, André (1989): “O Santo”, em J. Le Goff (dir.), *O homem medieval*. Lisboa: Presença, pp. 211-230.
- (1995): *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- (1991): “Saints Admirables et Saints Imitables: Les Fonctions de L’Hagiographie ont-elles changé aux derniers siècle du Moyen Âge?”, em *Colloque les Fonctions des saints dans le monde occidental (III-XIII Siècle) (27-29 octobre 1988)*. Roma: École Française de Rome, pp. 162-172.
- Vázquez Corbal, Margarita (2014): “A Arte Românica na Antiga Diocese de Tui: as relações artísticas Galaico-Minhotas”, em F. Miranda, J. Sequeira, D. Faria (coords), *Incipit 2: Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2011-12*. Porto: Universidade de Porto, pp. 155-164.
- Vila-Botanes, Suso (2009a): *A cidade de Tui durante a Baixa Idade Media*. Noia: Toxosoutos.
- (2009b): *Corpo Santo. San Telmo*. Pontevedra: Cofradía de San Telmo de Tui.
- (2014): *La ciudad histórica de Tui*. Tui: Amigos da Catedral.